

# 1

## Introdução

Esta dissertação é uma caixa. É feita em madeira pinho de riga. Seu cheiro envelhecido lembra sabonete de casa de vó, aquelas colônias antigas que vêm em vidros pesados de forma arredondada. A origem? Uma casa demolida recentemente em Botafogo. Deve ter cerca de trezentos anos. Dizem que pinho de riga era transportada no lastro dos navios europeus que cruzavam o Oceano Atlântico, colocavam-na no fundo para dar equilíbrio à embarcação. Depois as toras de madeira ficavam abandonadas nos portos e eram recolhidas para a construção de casas e móveis. Essa foi usada para a tal casa em Botafogo.

A madeira tem inúmeras tonalidades, veios, linhas, inscrições. A caixa é toda escrita, como essa dissertação, uma caixa de madeira escrita. E, também, é cheia de histórias. Não é grande, dá para guardar no armário. Suas medidas internas são 17 cm de largura, 10,5 cm de profundidade e 7 cm de altura. Por fora, não me preocupei em medir.

Quando você pega a caixa, o primeiro impulso é tirar a tampa. O que há dentro? Força a tampa, vira de um lado, de outro, de cabeça para baixo. Estranho. Não abre. Não adianta tentar de novo, não é possível, não há jeito. Explico: a madeira foi talhada de forma que a tampa não se desvincula, ela foi feita para estar fechada. Mas garanto, não há nada dentro, ela está vazia, completamente vazia.

A princípio, o interior da caixa abrigaria algumas imagens, escritos, fotos, cartas e poesias. O objetivo era contar uma viagem: avó e neta numa temporada de dezoito dias na Itália e na França. Por isso, o nome: caixa de viagem. Tudo começou com uma pergunta: “Vó, se você pudesse fazer uma viagem para onde você iria?”, depois de um ano de luto por causa da morte do avô. À época, a neta tinha 33 anos, a avó, 86.

No início, não se sabia como seria a caixa. Seu tamanho, material, formato, era difícil decidir quais imagens ela abrigaria, e escritos. Como dizer? Como escrever? Ao longo do percurso dessa pesquisa, com a leitura dos textos sobre memória, caixas, escrita, as decisões foram tomadas. A caixa ficou assim: em madeira pinho de riga, vazia, fechada, sem que se pudesse de forma alguma abri-la.

As medidas internas foram pensadas para caber o punho da mão, que é do tamanho do coração e do útero. É com esse punho, com as mãos que escrevem, dedos sobre o teclado, que se tenta abrir a caixa de viagem. E é no próprio processo da escrita que uma nova viagem acontece.

### ***Excursão***

*Estamos no meio da praça principal de Siena, saboreando um sorvete delicioso, provavelmente, de chocolate. Todo dia tem a hora do sorvete, e hoje está sendo aqui, nessa praça, cenário digno de filme. Logo mais visitaremos um monumento medieval, cujo nome eu já esqueci, nem sei se soube algum dia. Não importa, a vista é linda, andaremos só um pouco e ficaremos bastante satisfeitas.*

*Hoje decidimos embarcar em uma excursão (eu sempre odiei excursão). Depois de muitos dias passeando por conta própria, caminhando de braços dados, pegando trem, resolvemos simplificar o passeio e embarcar em um ônibus que prometia um tour quase completo pela Toscana. Saía de Florença, visitava Siena, San Gimignano, um almoço delicioso em uma vinícola da região e depois Pisa. Tudo isso em um só dia. Aquele tipo de turismo que as pessoas andam atrás de uma bandeira e escutam o guia por um fone de ouvido.*

*O ônibus tem poltronas reclináveis e ar condicionado. A guia, uma simpática californiana, conta histórias da região, dados históricos, sabe o exato momento de fazer uma piada e quando parar de falar. O roteiro é milimetricamente planejado, cronometrado para não haver nenhum furo, erro, percalço.*

*A avó não entende inglês, ademais não escuta bem. Enquanto as pessoas riem, vou traduzindo alto e gesticulando para que ela não fique de fora da festa. E finjo não ver as caras feias das pessoas ao meu lado. Estou atrapalhando, eu sei. De certa forma é um alívio estar reclinada nessa poltrona que parece um abraço, aproveitar o fresquinho do ar condicionado, ver a minha avó em segurança, ela não vai cair. Mas já na primeira parada....*

*A guia desce apressada, mostra a subida da cidade de Siena, enumera todos os monumentos que serão visitados, quantos segundos para cada um. Minha avó demora para descer do ônibus, não entende direito. Eu pergunto: Qual o ponto final? Onde será o encontro do grupo? Pegamos um taxi para a praça principal da cidade e aguardamos os nossos companheiros de viagem. Estamos de mãos dadas, tomando um sorvete e conversando uma bobagem qualquer.*

É no artesanato da escrita que a memória é tecida, costurando lembranças e esquecimentos, o real e o imaginário. A viagem acontece nesse jogo próprio do imaginar e escrever, escrever imaginando. Cada rastro que a viagem criou, os cartões de hotéis, restaurantes, museus, monumentos, as anotações de um diário de viagem, estes que estão à mesa, diante de mim, incitam a fabulação. Funcionam como um convite ao delírio e à escrita. E não só rastros materiais, mas também as imagens do pensamento. A lembrança produz escrita e a escrita produz novas memórias num ritmo circular, numa cadência própria.

A linguagem, portanto, acontece um pouco bagunçada, afinal, a escrita é caixa, dessas sem compartimentos, onde as fotos, cartas e bilhetes estão dispostas num movimento singular, não muito organizado. De repente, uma carta, uma foto, esse colar.... E assim, a memória vai acontecendo. São tempos embaralhados: uma hora a viagem é o agora, em outro momento é a infância, depois o exato momento da escritura, na biblioteca ou no teleférico de Anacapri. Coisas ilógicas da arte de lembrar.

Aqui a memória não funciona como o desejo de voltar ao tempo do passado, intacto, finito. Mas sim, olhar para esse tempo que foi, que é, ardendo no hoje. As mãos sobre o teclado apertam cada letra que cava, como a enxada cautelosa que revira a terra, o solo, escavando esse passado, com palavras recém-colhidas. Busco nos pensamentos, principalmente, de Walter Benjamin e Georges Didi-Huberman o apoio para construir essa viagem de memórias, uma viagem que se fabula na escrita, que na lembrança me leva a pegar a matéria do sonho, da fantasia.

No vazio da caixa também se encontra a morte da avó, que está ali, à espreita. A caixa se transforma no caixão e um luto antecipado lamenta, canta, conta o interdito da morte. Tenta-se, então, entender historicamente como morremos e pensamos o fim da vida.

Os pensamentos do francês Philippe Ariès e também de Sigmund Freud são convocados para o diálogo. O primeiro mostra o desenrolar dos ritos fúnebres ao longo dos séculos. Como o futuro morto que era protagonista de sua partida na Idade Média – anunciando o seu fim, gozando da presença da comunidade no seu leito de morte, revelando seus herdeiros – foi despojado de qualquer direito diante dela, tratado como uma criança que, além de não poder decidir sobre a sua morte, evita ser comunicado, finge-se que a partida próxima é uma mera ilusão. Mesmo as costumeiras condolências aos parentes são suprimidas a partir do século XX, conta

Ariès. Não que não haja pesar, dor. Pelo contrário, quanto mais afetados pela morte, mais escondemos o sentimento, explica. Ficamos calados, silenciados.

Freud usa a expressão “desprovidos de linguagem” no texto ‘Nossa atitude perante a morte’. Escreve que o homem culto do século XX passa a evitar qualquer menção, reforçando o argumento do historiador francês. Mesmo quando o fim é óbvio e esperado, silencia-se até mesmo o mais remoto pensamento, comportamento que persiste ainda nos dias de hoje. O psicanalista pergunta se não haveria uma nova forma de nos portarmos já que a guerra colocou a morte na ordem do dia e aos milhares? Qual seria essa nova atitude? Como dar à morte o lugar que lhe cabe?

O livro-caixa *Nox*, da poeta canadense Anne Carson, é uma espécie de elegia em homenagem ao seu irmão morto no ano 2000 em Copenhagem. No percurso da escrita, a poeta rememora a vida do irmão com pedaços de cartas, fotos da sua infância, selos de viagem e trechos de cartões-postais. Isso tudo entrelaçado com a tradução em inglês do poema 101 do poeta romano Catulo. O trecho em latim é exibido logo no princípio do livro e os verbetes em inglês seguem entremeados com a escrita da canadense sobre o seu irmão. Nesse movimento lento de traduzir o poema, Carson persegue lentamente a palavra certa, busca traduzir a perda, traduzir o irmão. Mas é difícil. Como traduzir o sentimento diante da morte?

A viagem dessa escrita não procura descrever paisagens, lugares visitados, monumentos e historietas de destinos turísticos. A viagem é a intensa convivência com essa avó, mãos dadas, o passo em falso, o corpo que se esfarela, a dentadura na pia. No dia a dia, a velhice se mostra nos mínimos detalhes, a neta ingressa em uma outra jornada, um devir velha. Já a avó é a mochileira, a aventureira com sede de ver o novo, viajar pelo mundo, conhecer lugares.

*Caixa de viagem. Guardar um pedaço da vida. Uma viagem à Itália, dezoito dias, a convivência entre a avó e a neta. Dois tempos que se embaralham, confundem. Devir velho, devir morto, devir jovem, muito jovem e querer gastar a vida, gastar o corpo que corre o mundo, olhar, pegar, aprender, como criança descobrindo o que cada coisa é. A viagem que traz um clarão. A viagem. Retornar a esse tempo que foi, que é, que grita e treme. Quatro anos depois. Escrever. A viagem é o próprio processo da escrita, elaborar uma caixa, inventar papéis, costurar sentidos, fabular a memória.*